

ENSINO DA ESCRITA:
da alfabetização ao curso superior

Conselho Editorial
Série Letra Capital Acadêmica

Beatriz Anselmo Olinto (Unicentro-PR)
Carlos Roberto dos Anjos Candeiro (UFTM)
Claudio Cezar Henriques (UERJ)
João Luiz Pereira Domingues (UFF)
João Medeiros Filho (UCL)
Leonardo Santana da Silva (UFRJ)
Luciana Marino do Nascimento (UFRJ)
Maria Luiza Bustamante Pereira de Sá (UERJ)
Michela Rosa di Candia (UFRJ)
Olavo Luppi Silva (UFABC)
Orlando Alves dos Santos Junior (UFRJ)
Pierre Alves Costa (Unicentro-PR)
Rafael Soares Gonçalves (PUC-RIO)
Robert Segal (UFRJ)
Roberto Acízelo Quelhas de Souza (UERJ)
Sandro Ornellas (UFBA)
Sergio Azevedo (UENF)
Sérgio Tadeu Gonçalves Muniz (UTFPR)

Marcelo Macedo Corrêa e Castro
Rejane Maria de Almeida Amorim
Organizadores

ENSINO DA ESCRITA:
da alfabetização ao curso superior

LETRAPITAL

Copyright © Marcelo Macedo Corrêa e Castro e
Rejane Maria de Almeida Amorim (organizadores) 2019

*Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998.
Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida por meio impresso ou eletrônico,
sem a autorização prévia por escrito da Editora/Autor.*

EDITOR: João Baptista Pinto

CAPA E EDITORAÇÃO: Luiz Guimarães

REVISÃO: Dos organizadores

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

E52

Ensino da escrita: da alfabetização ao curso superior / organizadores Marcelo
Macedo Corrêa e Castro, Rejane Maria de Almeida Amorim. - 1. ed. - Rio de Janeiro:
Letra Capital, 2019.

142 p. ; 15,5x23 cm.

Inclui bibliografia
ISBN 978-85-7785-683-1

1. Língua portuguesa - Estudo e ensino. 2. Alfabetização. 3. Letramento. I. Castro,
Marcelo Macedo Corrêa e. II. Amorim, Rejane Maria de Almeida.

19-59033

CDD: 469.84

CDU: 811.134.3:003.08

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária CRB-7/6439

LETRA CAPITAL EDITORA
Telefone (21) 22153781 / 35532236
www.letrecapital.com.br

Sumário

Apresentação.....	7
O ensino da escrita na alfabetização: dos primeiros registros ao texto.....	9
Rejane Maria de Almeida Amorim Luciene Cerdas Natalia Pinagé Ribeiro	
Ensino dos gêneros e dos tipos textuais no Ensino Fundamental II: uma questão de coerência?.....	29
Adriana d’Albrieux de Carvalho	
O ensino da escrita no ensino médio: entre gêneros textuais e a autoria	39
Isa Ferreira Martins	
Diálogos entre práticas e teorias na alfabetização de jovens e adultos.....	49
Ana Paula de Abreu Costa de Moura	
A escrita no ensino superior.....	69
Marcelo Macedo Corrêa e Castro Alessandra Fontes	
“Como se fora brincadeira de roda”: universidade e educação básica de mãos dadas pelo ensino da escrita.....	85
Luana Vieira de Almeida S. Miceli Nathália Noura Marta Lima de Souza Patrícia Baroni	

Nota de experiência: o aluno como protagonista do seu próprio aprendizado.....	103
Tatiana Angélica Rosa de Carvalho	
Contar e escrever histórias	110
Marcelo Maldonado	
Na escola, escrita, criatividade e autoria combinam? O caso <i>Eu, escritor</i>	128
Alessandra Fontes	

Apresentação

O Grupo de Ações de Ensino, Extensão e Pesquisa *Fórum de Ensino da Escrita* – GRAFE reúne professores universitários que atuam com as licenciaturas de Letras e de Pedagogia e que também atuaram e/ou atuam na educação básica; professores de educação básica, a maioria com experiência de receber licenciandos em suas turmas; estudantes de graduação e de pós dos cursos de Letras e de Pedagogia.

Os integrantes têm diferentes percursos de formação e experiência profissional com as diversas etapas do ensino da escrita: alfabetização, ensino fundamental, ensino médio, educação de jovens e adultos, ensino superior. A proposta do GRAFE consiste justamente em produzir convergências entre sujeitos, saberes e práticas que, embora ligados ao desafio comum de ensinar a escrever, dialogam muito pouco nos espaços de formação e de produção de saberes teórico-práticos.

Nesse sentido, há dez anos temos investido em ações que aproximem lugares e pessoas; teorias e práticas; ensinamentos e aprendizagens, sempre com o forte protagonismo da realidade das escolas de educação básica. Por isso, também, nossos movimentos buscam essencialmente o diálogo com os profissionais dessas escolas, em especial os das públicas.

O material deste livro segue a mesma orientação. Trata-se da textualização das aulas do *Curso de Extensão Ensino da escrita: da alfabetização ao curso superior*, oferecido na UFRJ, nos meses de maio a julho de 2018, para profissionais da educação básica. Os seis temas que compuseram o percurso das discussões estão a seguir tratados, de forma sistemática: Alfabetização, Ensino Fundamental I, Ensino Fundamental II, Ensino Médio, Escrita Criativa, Educação de Jovens e Adultos e Ensino Superior.

Com esta publicação, pretendemos oferecer aos profissionais da educação básica que trabalham com a escrita uma discussão dos percursos escolares do seu ensino, acentuando os desafios de cada etapa e sua necessária correlação com as demais.

Não se trata de um manual de ensino da escrita nem de uma discussão exaustiva do tema, mas de um movimento do GRAFE de chamada ao diálogo.

Rio de Janeiro, 20 de julho de 2018

Marcelo Macedo Corrêa e Castro

Coordenador do GRAFE

O ensino da escrita na alfabetização: dos primeiros registros ao texto

AMORIM, Rejane M. de A.¹

CERDAS, Luciene²

RIBEIRO, Natalia P.³

1. Registros e Significações na Alfabetização

A escrita deste capítulo, dirigida aos alfabetizadores, estudantes e professores que desejam compreender didaticamente o processo de alfabetização, apresenta o trabalho que desenvolvemos nos dois primeiros encontros no Curso de Extensão *Ensino da escrita: da alfabetização ao curso superior* e aponta os percursos trilhados na troca de saberes e de experiências entre diferentes sujeitos envolvidos no processo de alfabetização.

No primeiro dia do curso, nosso objetivo foi abordar de forma prática como iniciamos o trabalho de escrita mesmo antes de a criança dominar o Sistema de Escrita Alfabética (SEA). Para um professor que se dedica ao ensino da escrita nas etapas subsequentes da educação básica, nem sempre fica claro como isso se dá na escola nos anos iniciais do Ensino Fundamental, dentro da perspectiva de alfabetização que defendemos: a discursiva. Essa perspectiva é ancorada prioritariamente nos estudos de Vygotski, que consideram a criança como sujeito de seu processo de aprendizagem nas proposições de escritas e de atividades, e abordam a linguagem como uma produção histórico-cultural, que constitui os sujeitos e seu conhecimento na mediação social. Para tanto, essa abordagem se dá de forma

¹ Doutora em Educação: Psicologia da Educação pela PUC/SP - Professora Associada da Faculdade de Educação da UFRJ.

² Doutora em Educação pela UNESP/Araraquara - Professora Adjunta da Faculdade de Educação da UFRJ.

³ Mestranda em Educação pela UFF, Professora do Colégio Pedro II.

dialética e na troca mediada, que pressupõe a ampliação do conhecimento das crianças, sem desprezar o que elas já sabem e compreendem sobre a escrita.

Temos uma ideia de como é esse processo didático formal da escola a partir do que foi realizado conosco na nossa alfabetização. Lembramos das chamadas atividades de prontidão, em que enchíamos cadernos com pontinhos, tracinhos, montanhas e riscos para treinar nossa coordenação motora fina. Após essa fase, trilhávamos um caminho previsível e sempre muito rotineiro com nossas cartilhas e quadros de sílabas. Sabemos que quem nos lê pode ter tido outro tipo de alfabetização, é possível que tenham tido professores que desconstruíram esse método, que até hoje pode ser considerado o mais utilizado. Nossas pesquisas (AMORIM & CERDAS, 2016), contudo, reforçam que as lembranças de nossa alfabetização são recheadas com relatos sobre esse formato de ensino da escrita, que utiliza métodos sintéticos e segue um percurso que vai das vogais para as consoantes e depois das sílabas “mais simples” (que se formam com duas letras e seus sons são mais facilmente ligados às letras que as compõem, por exemplo: la, pa, ta etc.) para as “mais complexas” (que se formam com mais de duas letras, exemplo: lha, pra, trans etc.).

Partindo desses pressupostos e investindo em um diálogo com o grupo de cursistas, propusemos uma primeira atividade de alfabetização, denominada *Alfabetário das Qualidades da Turma*, que demonstra um pouco o que desejávamos discutir inicialmente. Nosso foco nesse momento foi: a importância da oralidade, o trabalho de registro com significado, realização de atividades em grupo que favorecem os registros de alunos que estão em níveis diferentes de escrita e o uso de diferentes formas de expressão (escrita, desenho, oralidade, gestos).

Em folhas próprias em que estava impressa uma letra do alfabeto, grupos de 3 ou 4 cursistas elegiam uma qualidade comum a eles que iniciasse com essa letra dada, escreviam a qualidade e elaboravam uma ilustração correspondente, como podemos verificar abaixo, na Figura 1.

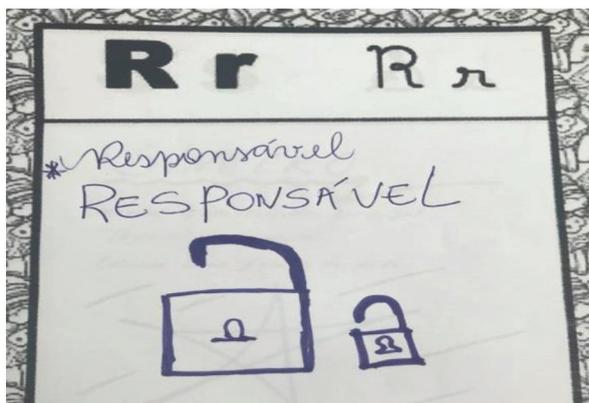


Figura 1

Após a realização da atividade, os grupos apresentaram suas produções e explicaram a ilustração e o seu significado em relação à qualidade escolhida. No caso do exemplo que verificamos na Figura 1, podemos pensar qual a ligação entre a ilustração e a qualidade que escolheram. Temos as nossas hipóteses, mas o que o grupo revela se encaixa muito bem no que tentamos discutir sobre os espaços de oralidade na sala de aula.

Para justificar a palavra “Responsável” e o desenho de um cadeado grande e um pequeno, o grupo deu a seguinte explicação: “que não importava o tamanho do professor em conhecimento, em atuação, seu nível de estudo, a sua matéria, pois assim como o cadeado (grande ou pequeno), ambos têm o mesmo valor, e crescem juntos à formação de um indivíduo”.

Como nos lembra Vygotski (2000, p.496), “A palavra consciente é o microcosmo da consciência humana”, por trás de um murmúrio, de um gesto, de um desenho, temos um universo subjetivo. Ponderamos que nesse exemplo fica evidente que a explicação potencializou a compreensão da escolha do desenho para ilustrar a responsabilidade, aqui ligada ao papel profissional do grupo.

Essa dinâmica reforça o papel do eixo da oralidade na alfabetização, sobre o qual não perdemos de vista a singularidade e a capacidade de produzirmos narrativas para além do que foi registrado. A criança já sabe a Língua Portuguesa, já se comuni-

ca por meio dela. Ponderamos que a oportunidade de expressão em sala de aula é uma atividade permanente e integradora, independentemente do nível de escrita em que a criança se encontra.

Destacamos que nem todos do grupo desenharam. Esta função recaiu sobre um ou dois membros e a escrita da qualidade foi feita por um componente eleito entre eles, talvez por ter uma letra considerada “mais bonita”. Esse acordo entre os grupos é facilitador da atividade e é comum também entre as crianças. A divisão das tarefas e a organização do trabalho, aproveitando as habilidades de cada um, favorecem o pertencimento da criança ao espaço escolar e também contribuem positivamente para sua autoestima. Nossa escolha por essa atividade quis também destacar o quanto um trabalho como esse não é excludente. A criança, mesmo a que está avançando em suas hipóteses de escrita, pode contribuir com o desenho, a explicação, a escolha da imagem e, ainda na troca com seus pares, pode avançar na compreensão do SEA.

Este primeiro trabalho serviu de apresentação, mas foi além, na medida em que os cursistas puderam falar de si por meio da palavra escolhida para definir a equipe. A escrita com sentido, utilizando o nome da criança, as palavras que deseja escrever já é um importante ponto de partida para refletirmos sobre a nossa metodologia, que se afasta de uma alfabetização com uso de cartilhas e palavras utilizadas na fixação de letras fora do contexto da criança. O uso comum da palavra e do desenho da figura do dado para ensinar a letra D e a denominada família silábica do D restringem e formatam a visão da criança sobre o código, desmerecem o saber que já possui e não levam em conta as subjetividades da classe. Se tivermos em sala um aluno cujo nome se inicia com D, com certeza ligar essa letra a uma pessoa de nosso convívio será mais significativo e real.

Organizar alfabetários sobre diversos temas (como esse do nosso exemplo) amplia o vocabulário e contribui para que as crianças compreendam nosso SEA a partir do que querem e desejam escrever, numa atividade marcada por um aspecto de ludicidade próprio da infância. As crianças, diferentemente das opções de cartilha, não irão escolher uma palavra cuja escrita

seja mas “fácil”, elas optarão por palavras próprias do mundo que vivenciam. Portanto, a ideia que é reforçada pelos métodos sintéticos, de que com a união de duas letras formamos um som (ex.: pato e gato), pode oferecer a percepção equivocada de que a formação de sílabas se dá apenas pela fórmula consoante e vogal. Essa “regra” pode dificultar a consolidação da leitura e da escrita na alfabetização, uma vez que a escolha de palavras cotidianas oferece outros desafios, como, por exemplo, a palavra brinquedo.

A proposta de escrita seguinte desenvolveu-se a partir da leitura do livro **Monstruosidades**, de Elias José (Figura 2). Após a leitura do livro, realizada em um clima que misturava descontração e interesse, partimos para as atividades didáticas, que objetivavam trabalhar com as múltiplas linguagens, escrever a partir do interesse do grupo e se valer de uma atividade prazerosa e lúdica como potencializadora do trabalho com a escrita.

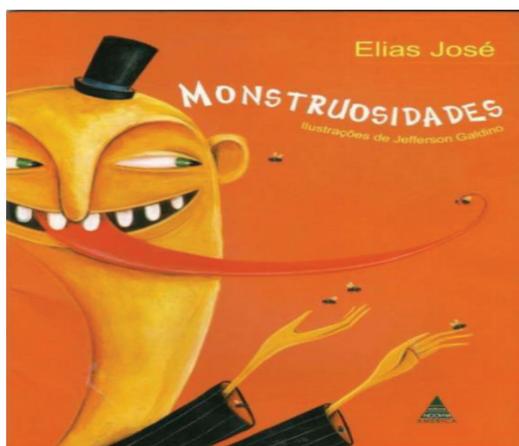


Figura 2

O livro é escrito em versos rimados e com repetições de estrofes que dão um tom engraçado e convidam a pensar em outros monstros. Os monstros desse livro fazem coisas comuns aos humanos, por esse motivo achamos tudo tão divertido. Vejamos um trecho: “Era uma vez um monstro. Coisa mais feia: falava com a boca cheia! ”. (José, 2013, p.17)

Na sequência da leitura realizada pela equipe de monito-